

VOZES DA ÁFRICA – EDIÇÃO ESPECIAL Nº 6 BIBLIOTECA ENTRE LIVROS

80 EntreLivros África

ÁFRICA NO MUNDO

Uma história das mulheres negras

Obra reúne 950 imagens das afro-descendentes que contribuíram para a formação da sociedade brasileira. Da chegada das africanas escravizadas até a ascensão política de mulheres negras, incluindo nomes do universo religioso e cultural brasileiro, encontram-se as muitas faces de um enredo pouco contado

POR CARLOS HAAG

Por uns desses paradoxos bem brasileiros, a escrava que povoou a imaginação popular nacional (e, depois da novela, a do resto do mundo) é Isaura, que, nas palavras do seu criador, o romancista Bernardo Guimarães, teria "a tez como o marfim do teclado do piano". Uma personagem chega mesmo a lhe dizer: "É formosa, e tens uma cor tão linda que ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano". Embora filha de mãe negra, a nossa tão falada Isaura é uma escrava branca, que toca piano, senta-se na sala dos senhores, é disputada por sinhozinhos brancos, tendo como rival uma "desprezível" escrava negra. "Se as mulheres, de modo geral, tiveram sua contribuição omitida ou diluída na história oficial, as negras foram ainda mais desconsideradas", explica a pesquisadora Schuma Schumacher, autora, ao lado de Érico Vital Brasil, de *Mulheres negras do Brasil* (Rede de Desenvolvimento Humano/Editora Senac, 496 págs.), uma bela continuação do trabalho anterior da dupla, o *Dicionário das mulheres do Brasil*.

"Há muito o que desvendar sobre as mulheres negras que chegaram como escravas ao Brasil, e suas descendentes. A história oficial mistifica seu desempenho como amas-de-leite e como amantes. Muito mais do que isto, grande contingente delas reagiu aos açoites e teve papel fundamental nos quilombos, principais focos de resistência contra a escravidão, e de preservação da cultura e da dignidade racial negra", observa a professora. O livro, com mais de 950 imagens, foi fruto de uma "insatisfação" com o primeiro trabalho, em que as mulheres negras apareciam dispersas. "O objetivo do trabalho é abrir a cortina do

passado, redescobrir esse Brasil negro e feminino. Queremos que este novo livro cumpra o papel de uma provocação no bom sentido." Foram três anos de pesquisa árdua para descobrir, na história do Brasil, a "escrava que não era Isaura". Muitas das histórias e das personagens foram, aliás, descobertas nas viagens feitas pelos dois pesquisadores no lançamento do primeiro dicionário.

Mulheres negras do Brasil
Schuma Schumacher e Érico Vital Brasil
Senac
496 págs.
R\$ 135



www.senacemilivros.com.br

BIBLIOTECA ENTRE LIVROS
TEXTOS FUNDAMENTAIS PARA LER E GUARDAR

Mia Couto, Ondjaki e a **NOVA FICÇÃO** em língua portuguesa

Pepetela, Craveirinha, Agostinho Neto e outros escritores da **RESISTÊNCIA**

ARTE AFRICANA que impressiona o Ocidente

Do jazz ao samba, a **MÚSICA** que os africanos criaram para o mundo

LÍNGUA, ESTÉTICA e CULINÁRIA: as influências no Brasil

VOZES DA África

A RIQUEZA ARTÍSTICA E CULTURAL DO CONTINENTE

ARTISTAS: ALBERTO DA COSTA E SILVA, KABENGELE MUNANGA, YEDA PESSOA DE CASTRO, RITA CHAVES



Negritas vendedoras, aquarela de Carlos Julião, 1776

rio. Nessas ocasiões, alguém sempre se aproximava para lembrá-los de alguma mulher negra que fora pioneira numa área qualquer ou quebrara tabus. "Foi difícil, por exemplo, levantar a história de Mônica de Menezes Campos, a primeira negra que cursou o Instituto Rio Branco e fez carreira diplomática. Nas consultas ao Itamaraty, nos garantiram que não havia a tal primeira ne-

gra que buscávamos. Insistimos muito até achá-la." Esses obstáculos apenas comprovam a realidade da mulher negra, como expressa na segunda edição do *Retrato das desigualdades*, pesquisa apresentada em fins do ano passado, feita pelo Unifem (Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher) e pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômi-

ca Aplicada). Nela, aprendemos que as mulheres negras são um universo de 43 milhões, 24,1% do total da população brasileira e, palavras da pesquisa, "são estas que sofrem com o fenômeno da dupla discriminação". Até mesmo na expectativa de vida: se as brancas esperam viver 73,8 anos, as negras, 69 anos. "Essas desigualdades na expectativa de vida refletem, sobretudo, o menor aces-